

CONTRIBUTOS DA ENFERMAGEM PARA A BIOÉTICA: DE DUAS SENHORAS CAMINHANDO JUNTAS

LUCÍLIA NUNES¹

Agradecer o convite, que começa por ser do domínio da polidez, é, neste caso, além da satisfação de estar aqui, muito o reconhecimento de uma proposta de trabalho - e um desafio de pensar a interface entre a Enfermagem e a Bioética. Há uns anos atrás, quando escrevi “*Configurando a relação Bioética e Ética de Enfermagem*”², deixei em aberto a exploração dos contributos recíprocos, ou seja, tanto da Bioética para a Enfermagem, como, e isto procuraremos elencar a seguir, da Enfermagem para a Bioética. Portanto, e antes de mais, estou grata pela oportunidade de prosseguir caminho.

Vale a pena começar por dizer que *preciso da Filosofia para isto*, para dois tópicos, que se relacionam com a Ética e com a Epistemologia.

Na verdade, inteligir filosoficamente o mundo e a vida implica a capacidade de bem-pensar e reflectir – e levemos em conta a advertência de Erasmus “Na sua debilidade, saibam os mortais: não podem transpôr os limites da sua inteligência”; porque se busca questionar as “certezas” e re-reflectir-se sobre si. Pois que o que a Filosofia *faz* diferente é ter a vida por objecto, a razão por meio e a felicidade por fim.

Já se afirmou que ninguém filosofa para passar o tempo mas para procurar a verdade e, sobretudo, o sentido, para se *armar* para o combate vital, pela lucidez. Assim, dizia, preciso da Filosofia até porque, em primeiro, me faz falta a ideia de *transdisciplinar*.

De modo prévio, antes de explorarmos os contributos da Enfermagem para a Bioética, explicitemos as diferenças entre o *multi*, o *inter* e o *trans*-disciplinar. E o modo como se pensa, a partir da perspectiva da epistemologia, entendida como filosofia do conhecimento (e não a reduzindo apenas a uma teoria da ciência).

Para facilitar a *arrumação* e a transmissão do conhecimento, nós, seres humanos dividimo-lo em vários compartimentos, como gavetas, comumente chamados disciplinas.

¹ Jornadas de reflexão “Bioética e Enfermagem”, ACEPS, 17 Fevereiro 2007.

² Revista da Ordem dos Enfermeiros, Junho 2005, p. 23-25.

E constatamos que esta forma de classificar o conhecimento é artificial, pois frequentemente um problema atravessa os limites de uma só disciplina.

A abordagem **multidisciplinar** aporta um "mais" à disciplina em questão mas esse "mais" está ao serviço da disciplina-foco ou da área disciplinar de partida – ou seja, ultrapassamos as fronteiras disciplinares mas a meta permanece nos limites do quadro de referência de uma disciplina.

A uma abordagem que envolve várias disciplinas, de forma integrada, chamamos **interdisciplinar** – *entre disciplinas*, como «zonas» de trabalho que cruzam duas ou mais áreas (psicofisiologia, físicoquímica ou socioantropologia são disso exemplos); trata-se de organização concertada, orquestrada, dos conhecimentos e pode referir-se a transferência de métodos de uma disciplina para outra.

Como o prefixo **trans** indica, o transdisciplinar diz respeito ao que está, ao mesmo tempo, *entre* as disciplinas, *através das* diferentes disciplinas e *além* das disciplinas. O seu objectivo é a compreensão do mundo e um dos imperativos para tal é a unidade do conhecimento.

Tenhamos em conta que o **transdisciplinar**, pelo seu «através de», enuncia um novo paradigma, atravessando as disciplinas e indicando mudança (*trans*-formação ou metamorfose). Nas diferentes concepções e visões contemporâneas, os paradigmas são revistos, re-criados, construídos, superados - se pensarmos os conhecimentos como fios, emaranhados, precisam de ser trabalhados, e, assim, requer-se que teçamos e reconstruamos novos campos de sentido. O que nos remete para repensar as nossas próprias práticas e condutas, de um modo livre – com a tal liberdade, dizia Cecília Meireles “que o sonho humano alimenta, que não há ninguém que a explique, nem ninguém que não a entenda”.

A recomposição que permite passar ao transdisciplinar, afirmam os teóricos³ da área, é realizada pelo **pensamento complexo**, que, de uma certa forma paradoxal, aspira a um saber não-fragmentado e não parcelar, reconhecendo, ainda assim, a sua incompletude. O pensamento complexo almeja o conhecimento multidimensional, mas sabe que o conhecimento completo é impossível; como afirma Morin⁴, é animado por um saber não parcelar, não fechado, não redutor e pelo reconhecimento do inacabado.

³ Cf. JAPIASSU, Hilton – *O sonho transdisciplinar e as razões da Filosofia*. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

⁴ MORIN, Edgar – *Introdução ao Pensamento Complexo*. 3. ed. Lisboa: Instituto Piaget, 2001.

A mudança, a *trans*-formação, é fundamental pois, e isto todos sabemos, quando aprendemos, mudamos.

Na última década ganhou particular destaque a metáfora da rede, como uma interconexão de elementos, que se entrelaçam, e fazendo destacar-se a ideia de globalidade. Os acontecimentos, o mundo, a realidade, a sociedade, o conhecimento, o pensar, não podem ser perspectivados isoladamente. A fragmentação, separando as coisas, trouxe e traz consigo a ausência de um todo, compreendido como diversidade, pluralidade e diferença.

“No momento em que a explosão e a especialização dos saberes parecem ter totalmente fragmentado o nosso conhecimento, em que as racionalidades filosófica e científica, a poesia e a experiência mística parecem estar irremediavelmente separadas e opostas, surge todo um movimento de reglobalização e reunificação dos conhecimentos”⁵.

Por isso a ideia de globalidade pressupõe olhar criticamente, avaliar outras maneiras de tentar compreender a realidade que nos cerca, visar uma integração do todo com as partes e das partes com o todo. Uma rede complexa de múltiplas conexões, potenciadoras elas mesmas de outras redes, numa perspectiva holística, integral...

Voltemos ao transdisciplinar, que é distinto porque a sua meta não pode ser alcançada dentro do quadro de referência da pesquisa disciplinar.

A transdisciplinaridade é globalmente aberta e está ligada tanto a uma nova visão do mundo como a um caminho de *transformação* orientado para o conhecimento de si, para a unidade do conhecimento e para a criação de uma nova *arte de viver*⁶.

Por isso, as pesquisas transdisciplinares tendem a apoiar-se em actividades de raízes diferentes, como as ciências mas também as artes, a poesia mas também a filosofia, o pensamento simbólico mas também a tradição.

Notemos que a **Bioética** assume-se como transdisciplinar e toma o transdisciplinar como estratégia.

E a **Enfermagem**, se a pensarmos como disciplina do cuidado às pessoas, ao longo do ciclo vital, com foco de atenção nos “projectos de saúde que uma pessoa vive e

⁵ JAPIASSU, Hilton, ob. cit., p.77.

⁶ Expressão de Savater para definir ética (Cf. Ética para um Jovem)

persegue”⁷, tem, claramente, em meu entender, a finalidade de promover o bem-estar e a autonomia no cuidado de Si.

Diria que a Enfermagem se aproxima, perigosamente, de uma das questões à qual só podem ser dadas respostas transdisciplinares e de ordem filosófica, isto é, a *problemática da unidade do homem* pois é o mesmo homem que reflecte e sonha, produz equações científicas e escreve poemas, que adocece e que morre. E um dos maiores desafios do nosso conhecimento e do nosso tempo é justamente a **unidade do ser humano** individual e social, o respeito pela sua dignidade.

Numa *práxis* de cuidado, a Enfermagem pode contribuir para a Bioética numa visão holística. Portanto, como **contributo** assinalaria esta visão integral do ser humano e dos grupos em que ele se insere.

Sob a palavra “bioética”, proposta na década de 70, abrigam-se questões éticas emergentes das novas tecnologias biomédicas, e que se estendem também aos problemas do ambiente e da sobrevivência futura da humanidade, nomeadamente a preservação dum ecossistema que mantenha a terra habitável para o Homem. E que permita, assegure, um desenvolvimento sustentável.

Estamos perante um novo saber, mais novo do que muitos de nós, pese embora o facto de ter raízes antigas. E em que a procura é por respostas globais para a defesa da dignidade da pessoa humana.

O próximo **contributo** que pretendo destacar é, ao mesmo tempo, um dos elos fundamentais que ambas, tanto a Enfermagem como a Bioética, comungam. É ineludível que assentam e se fundam na preocupação pela defesa da dignidade humana.

A pluralidade e a novidade das questões actualmente colocadas a ambas não têm respostas nos tradicionais tratados ou nas formas convencionais de abordar os problemas. É aqui que o pluralismo de posições e a *estranheza* dos problemas com que lidam exigem uma reflexão ética atenta, até porque em Enfermagem estamos habituados a considerar e a valorar as “pequenas coisas” que dão sentido aos cuidados e à vida, e que não são, de todo, coisas pequenas....

Fala a Bioética de Autonomia e de Vulnerabilidade. Pode, a Enfermagem, alertar para o real de dificuldade e para dados relativos às nuances de caso concreto e singular, das

⁷ ORDEM DOS ENFERMEIROS – Enquadramento conceptual. Padrões de Qualidade dos cuidados. 2002.

muitas possibilidades que existem entre os opostos de decidir por alguém ou de *abandonar* as pessoas à sua autonomia...

Se pensarmos, noutra perspectiva, que a Bioética congrega as questões da Vida, da Enfermagem pode contribuir de modo peculiar com as narrativas, a experiência e o *know-how* de **valorização concreta do humano**.

A Enfermagem entende o seu papel como protector das pessoas – aliás, já Virginia Henderson⁸, na sua filosofia de enfermagem, afirmava que fazemos pelas pessoas o que elas fariam se tivessem o conhecimento, a força ou a vontade para tal.

Noutra perspectiva, cuidar surge como ideal moral que visa proteger, aumentar e preservar a dignidade humana.

Daqui decorreria que o nosso papel de promotores da capacitação do Outro, pode aumentar a sua área de acção como cidadão. Notemos que a intervenção de Enfermagem não está centrada nem circunscrita à situação de doença ou à satisfação de uma necessidade humana específica. Sobretudo, estamos sempre em presença de um Outro - prestar cuidado é uma situação sempre única que diz respeito a uma pessoa na singularidade da sua trajectória de vida.

Por isso afirmo que a finalidade da Enfermagem não é técnica nem científica, mas moral – e com sentido ético e antropológico. Porque essencial é o bem-estar de outros seres humanos, e a finalidade é promovê-lo, protegê-lo.

Realizamos um agir fundamentado no integral respeito pelos direitos humanos, na liberdade e dignidade da pessoa humana, abstando-nos de “impôr critérios e valores no âmbito da consciência e filosofia de vida”⁹.

Estou, como Wittgenstein, convencida de que todos os valores só valem na medida em que servem à dignidade humana e promovem a sua causa. E quando os enfermeiros dão poder às pessoas – *empowerment* ou empoderamento, se preferirem (prefiro capacitação) – estão a influenciar as suas posições como pessoas e como cidadãos.

Notemos aqui que os enfermeiros têm o dever de “contribuir para criar o ambiente propício ao desenvolvimento das potencialidades da pessoa”¹⁰.

⁸ Cf. HENDERSON, Virginia – *La nature des soins infirmiers*. Paris : InterEditions, 1994.

⁹ Decreto-lei nº 104/98 de 21 Abril. Código Dentológico do Enfermeiro, Artigo 81º, alínea e).

¹⁰ Decreto-lei nº 104/98 de 21 Abril. Código Dentológico do Enfermeiro, Artigo 89º, alínea b).

E por tal facto, por promoverem o desenvolvimento dos recursos das pessoas, o potencial de relação entre Enfermagem e Cidadania pode reverter para a participação necessária nas decisões que não são científicas, mas políticas.

Vejamos que se classificam como sendo da Bioética questões muito diferentes, como a reprodução medicamente assistida, a investigação medicamentosa, a doação e transplante de órgãos, a eutanásia ou os cuidados paliativos, entre os exemplos da área da saúde, mas também outras questões relacionadas com a ecologia e a protecção do ambiente, a gestão dos recursos humanos ou as políticas sociais e económicas.

São questões que perpassam a vida e a qualidade de vida de cada um. Sim, de cada um – e sabemos que já não é possível aceitar a relação, de raiz iluminista, entre a ciência e a técnica com o bem estar, a saúde e a felicidade dos povos.

“Julga-se necessária a educação política dos cidadãos, para fazer sair os assuntos técnico-científicos das brumas e dos casulos”¹¹.

Como foi já muitas vezes afirmado, e até encarando uma «heurística do medo»¹², não é razoável colocar exclusivamente nas mãos de cientistas e de especialistas o destino resultante da organização técnica de uma sociedade.

Aqui, convoco a Ética e recordo que a aspiração principal do ser humano é à felicidade. Por diferente que seja o que cada um de nós entende que seja para si o conteúdo da felicidade. E, mais, nenhuma perspectiva é absurda.

Absurdo é o nome que damos às coisas que não compreendemos. Nada é absurdo em si mesmo - todas as coisas são compreensíveis e possuem sentido, não apenas a ser interpretado mas compreendido, até porque quanto mais compreendo, mais aumento a minha capacidade de felicidade. E a sabedoria é, justamente, esta alegria de compreender e viver em alegria.

Diria Aristóteles que o caminho de realização do homem desemboca nas ruas da cidade – assim, o cuidado de Si é inseparável do cuidado que se deve ter pela cidade, no sentido das relações entre os homens, ou seja, da política.

¹¹ NUNES, Lucília - *Justiça, Poder e Responsabilidade : articulação e mediações nos cuidados de enfermagem*. Loures: Lusociência, 2006, p. 188-189.

¹² JONAS, Hans – *Le Principe Responsabilité. Une éthique pour la civilisation technologique*. 3^a ed. Paris: Flammarion, 1995.

Ainda neste sentido, do que alicerça a humanidade dos homens, viver com os Outros significa ser capaz de aceitar os valores dos outros, de exercer uma tolerância activa que é condição do diálogo. Curiosamente, “a verdade é que a actual sociedade de informação nos obriga a repensar os valores. É esta novidade histórica que torna imprevisível o que será o século XXI”¹³.

E aqui, a Enfermagem tem uma larga experiência de demanda da não-discriminação, seja em função de convicções (políticas, religiosas, ideológicas, filosóficas) ou de diferenças (étnicas, sociais, económicas).

E, finalmente, caminhava para o último contributo.

Respeitando ambas o mesmo fundamento – a Pessoa -, é certo que Enfermagem e Bioética se **guiam por princípios relativos à responsabilidade**, seja esta com a pessoa, referente ao profissional, ao ambiente e/ou à protecção com o futuro, sabemos que a defesa e promoção da liberdade implica a responsabilidade individual e colectiva pelos actos praticados na sequência das decisões tomadas.

A assunção última da responsabilidade individual é mesmo o *tomar conta e responder por* alguma coisa ou alguém que se tomou ao cuidado, muito para além das perspectivas jurídica ou disciplinar, assumindo os seus actos (as decisões que os antecedem e as consequências que se lhes sucedem) e acautelando, prospectivamente, e de forma cautelar, futuros prejuízos.

Ora nesta etapa estamos perante o processo de tomada de decisão, o julgamento que conduz à acção.

Sabemos hoje, e nem precisamos de pensar muito, que podem existir formas muito diferentes de se posicionar face a uma mesma questão.

E as decisões têm efeitos de médio e longo alcance. Por isso, e se ambas, à Bioética e a Enfermagem, não bastam a conformidade científica e técnica, e carecem de sabedoria prática, na avaliação dos riscos e nas escolhas em contexto de incerteza, o contributo da Enfermagem para a Bioética passa pelos saberes que detém, do reflectido, agido e investigado, em contexto da praxis.

¹³ HELENO, José Manuel – *O demónio de Sócrates. Ensaios*. Lisboa: Fim de Século, 2006, p. 105.

Que os saberes de Enfermagem – e aqui teríamos uma ponte para Carper – são científicos, éticos, estéticos e do conhecimento pessoal... *coisa científica*¹⁴, algo que estamos construindo, num esboço de *epistemologia do cuidar*¹⁵.

*Procura-se o Pensar em vez do representar*¹⁶, sabendo-se que quando nos tornamos melhores, contribuímos para a melhoria dos outros. E que estas duas *Senhoras*, de vulto científico, idades e tradições diferentes, a Enfermagem e a Bioética, podem contribuir recíprocamente para nos tornarmos melhores. Mais capazes do cuidado de Si, do Outro e do Mundo.

¹⁴ Alusão a *coisa* em sentido heideggeriano (HEIDEGGER, Martin – *O que é uma coisa?* Lisboa: Edições 70) e que se explicita aqui em nota por se entender relevante. Heidegger enuncia que há dois sentidos diferentes para as coisas: o primeiro aplica-se, por exemplo, a uma pedra. Se perguntarmos "para o que é uma pedra?", a resposta será "não é para nada; é apenas uma pedra"; a essa categoria de objecto chamou "present-at-hand" (presente-ao-alcance). O segundo sentido das coisas aplica-se aos objectos sobre os quais a pergunta "para o que é?" não pode ser recusada. Como é o caso do martelo - se alguém pergunta "para o que é um martelo?" a questão não pode ser respondida que ele não é para nada, que é apenas o que é, porque os martelos são para martelar; estas coisas Heidegger descreveu como "ready-to-hand" (prontas-para-uso). A palavra "para" implica numa ideia de envolvimento, de propósito: o martelo é para martelar e martelar é, então, a sua essência. A familiaridade não é dada pelo reconhecimento mas pelo lidar com o instrumento: pelo manuseio do martelo. O martelo não é reconhecido por estar diante de nós, mas porque o manuseamos. Assim, o manuseio é o modo de ser do instrumento, o manuseio é a "manualidade" (*Zuhandenheit*) e é o que caracteriza a sua serventia, ou seja, o "para que..." serve o instrumento. Por mais que se observe um instrumento jamais se dará conta do lidar com ele (pelo contrário, perde-se o modo originário do manuseio) – "à visualização puramente teórica das coisas falta uma compreensão da manualidade". A falta dessa visão teórica não significa uma falta de conjunto pois a serventia de cada instrumento subordina-se à totalidade de remissões instrumentais dirigidas para uma finalidade mais complexa: a obra. Curiosamente, a perspectiva de Heidegger foi trazida para «Becoming Reflexive», http://www.blackwellpublishing.com/content/BPL_Images/Content_store/Sample_chapter/9781405118330/Chapter0ne.pdf

¹⁵ Expressão de Walter Hesbeen (*Trabalho de fim de curso, trabalho de humanidade. Emergir como o autor do seu próprio pensamento*. Loures: Lusociência, 2006, p. 112-113).

¹⁶ BATISTA, M^a Manuel - *Pela Mão de Heidegger...Ekphrasis, Pintura e Pensamento Poético*.(25.02.2007) <http://sweet.ua.pt/~mbaptista/Ekphrasis%20-%20Pintura%20e%20Pensamento%20Poetico.pdf>